

VILÉM FLUSSER

O hiato das férias veio interromper este curso num momento inoportuno. Veiu depois de uma aula introdutória de uma visão de Ocidente nova no argumento que lhes apresente. Deve portanto, para refrescar as nossas memórias e recapturar o clima das nossas preocupações, resumir peremptoriamente os resultados já alcançados neste curso, e um pouco mais detalhadamente o tema da última aula, para depois retomar o fio de argumento.

Este curso trata de pensamento ocidental. Esse pensamento foi definido como projeto existencial que estabeleceu uma civilização, portanto um mundo, num lugar determinado do globo e num momento determinado da história humana. Como lugar estabelecemos o Mediterrâneo oriental, e como momento os séculos imediatamente anteriores e posteriores ao nascimento de Cristo. Não surgiu esse pensamento diretamente de uma ingénua contemplação de intelecto, mas tem, pelo contrário, múltiplas raízes cujas pontas se perdem nos mitos semi-esquecidos criadores de sociedades extintas. Essas múltiplas raízes de nesse pensamento estão, em sua maioria, enterradas no nesse subconsciente e no fundo da nossa história, e disciplinas especializadas estão atualmente preocupadas com o seu desenterramento. Mas três dessas raízes, chamadas grosso modo de judaísmo, helenismo e latinismo, estão quase a flor da pele, de modo que são perfeitamente articuláveis discursivamente. Essas três raízes nossos resultaram, ao se fundirem, num mito novo, chamado, grosso modo, cristianismo. O cristianismo é uma revelação nova e original daquilo que confronta o intelecto e representa portanto um novo projeto de vida. Não obstante, é possível descobrir nesse projeto os conceitos e os valores que lhe serviram de fonte. Esses conceitos e valores estão preservados, superados e elevados a níveis novas nesse novo projeto que é o pensamento de Ocidente. A descoberta desses conceitos e valores está dedicada a esse curso. A sua primeira parte era portanto dedicada à discussão dos conceitos judeus, gregos e latinos, tais como se articularam em seus contextos originais, e tais como informam atualmente o nosso pensamento. Da enorme riqueza desses conceitos e valores foram escolhidos uns poucos, que me pareciam serem os mais característicos e importantes. Assim discutimos os conceitos judeus da Fé, da obra, da honra, da justiça, da vergonha, da pureza, da eleição, do povo, da verdade revelada. Em seguida foram apresentados e discutidos os conceitos gregos da necessidade, do destino, do acaso, do orgulho, do pneuma, do logos, do salvador, da verdade descoberta, da harmonia, do entusiasmo, da aparência, do Ser, da teoria, da praxis, do Bem e do Belo. Quanto à nossa herança latina, foram escolhidos os conceitos de lar, do pater, do pai e da pátria, da mãe e da matéria, do campo, da casa, da domesticação, da lei, do magisterio, do ministério, da força, da virtude, do costume, e da verdade como inquisição, questionar e conquista, enfim a verdade como produto da verdade. Foi nestes e nestes estes conceitos surgem de um ambiente sacral e festivo, e como se transformam progressivamente em conceitos profanos e esvaziados de significado, a medida que pregride a conversação ocidental que resultou do projeto por eles articulado.

Mas a nossa civilização observou, no curso de seu desenvolvimento, outros elementos, outros conceitos e valores que contribuíram poderosamente para a sua formulação atual, embora sejam estranhos ao projeto original que lhe deu origem. Isto faz com que seja a nossa civilização tão plástica e maleável, e tão frágil e contraditória internamente. Esses elementos estranhos e bárbaros infiltraram-se na conversação ocidental em momentos históricos e em lugares geográficos diferentes, e são de uma multiplicidade caoticamente complexa. Basta citar como exemplos as infiltrações árabes e tupi-guarani, ou as infiltrações mongólicas e maori. Mas entre elas três se destacam como decisivas, porque entraram cedo na nossa conversação, porque nela se fundiram totalmente, e porque contribuíram de maneira decisiva para o caráter de nosso projeto de vida. São os conceitos e os valores que brotam dos mitos dos celtas, dos germanos e dos eslavos. A contribuição celta não será discutida neste curso, simplesmente porque me faltam, a respeito dela, conhecimentos objetivos. Peço que me seja perdoadada essa falha grave. As contribuições germânicas e eslavas formarão o tema de resto deste curso, que tentará, nas suas

VILÉM FLUSSER

últimas aulas, chegar a uma síntese dos conceitos discutidos e, desta forma, chegar a uma diagnose da nossa situação como ocidentais e, quiçá, a uma pré-gnose tentativa de seu desenvolvimento no futuro imediato.

A última aula esteve dedicada à primeira discussão da nossa herança germânica, era portanto a primeira aula que tinha os bárbaros por tema. Essa infiltração que começou no século 6 antes de Cristo, portanto antes da formulação do Ocidente no sentido estrito do termo, e que terminou apenas no século 8 depois de Cristo, portanto depois do primeiro ciclo da nossa história, é atualmente uma das dominantes de nosso pensamento, embora um levê aroma de sua origem bárbara adhira a ela persistentemente. Há um clima existencial em redor dos conceitos e dos valores germânicos que contrasta com o clima mediterrâneo que banha as três sociedades mae de Ocidente. Esse clima germânico pode ser caracterizado pelos termos "obscuridade", "sentimentalismo" e "rebeldia", em breve, pelo termo "romantismo". De fato podemos descobrir, na história de pensamento ocidental, um oscilar entre a herança mediterrânea e a bárbara, um oscilar entre os pelos do classicismo e de romantismo. Deu, como exemplo das fases clássicas, o estilo romano, o Renascimento, o rococó e o empire, e o realismo do século 19. E dou como exemplo das fases românticas o estilo gótico, a Reforma, o barroco, o romantismo do século 19 e a atualidade. Já que estamos em fase bárbara da nossa civilização, é-nos próximo este clima, ao qual me re-ri há pouco. É um clima a um tempo atrativo e repulsivo. Atrai pela profundidade e beleza das suas implicações, e repele pela sua brutalidade. Os seus dois exponentes máximos na atualidade são a Alemanha e o mundo angle-saxónico, mas ambos são naturalmente fortemente modificados pelos elementos clássicos, como são fortemente modificados os povos latinos pela influencia dos germânicos. Recorri, na última aula, ao testemunho de Nietzsche e Schopenhauer para ilustrar esse clima, com sua profundidade e beleza, e com sua brutalidade, e salientei o aspecto epistemológico e estético de projeto existencial dos germânicos. Com esta meta em vista, analisei os seguintes termos: verdade. Tentei mostrar como a palavra "truth" implica o conceito de fidelidade, a saber a fidelidade a mim mesmo ("self", "own", "selbst", "eigen", "echt"). E tentei mostrar como a palavra "Wahrheit" implica o conceito de guarda e defesa ("beware", "wait", "wahren", "warten"). A verdade germânica tem algo a ver com a fidelidade ao eu superior ("Herr", "herrlich") e com sua defesa contra a inferioridade da inautenticidade ("man", "gemein", "mean"). O contrário desse tipo de verdade não é nem o pecado judeu, nem o engano grego, nem o erro latino, mas é a mentira ("Trug", "Betrug"), portanto a falsidade, a traição e o engodo astute. Em breve: a verdade germânica é a autenticidade. A este problema epistemológico está intimamente ligada o problema do belo. A arte, que é o poder criador de belo, é um engodo astute, mas ela é melhor que a verdade. Para provar esta afirmativa, discuti o termo arte como substantivo de verbo poder (Kunst, können). Discuti o termo "o belo" como implicando os conceitos "aparência", "mentira" e "esplendor" ("schein", "Erscheinung", "scheinbar", "scheinen"). Discuti o termo criar como tendo algo a ver com formar, dar ordens, procurar e ex-haurir ("schaffen", "shape", "anschaffen", "beschaffen", "Schöpfer", "erschaffen"). Finalmente discuti o termo representar, tão característico da arte e do pensamento germânico, como estando ligado com os conceitos da apresentação, da tapeação, e com o esconder da verdade ("verstellen", "sich verstellen", "jemandem etwas verstellen", "sich vor etwas stellen"). Enfim, tentei demonstrar a dicotomia que existe no pensamento germânico entre conhecimento e criação, entre verdade e arte, entre pensamento e obra, e tentei demonstrar a tendência germânica de optar pela segunda escolha, por aquilo que pode ser chamado de "vida". A vida como algo oposto à verdade, ao conhecimento, ao pensamento, e como algo melhor que estes, eis o grande perigo dessa nossa herança. Esse perigo se apresenta em sua forma mitigada no pragmatismo angle-saxónico, e em sua forma violenta na filosofia alemã chamada "da vida". Mas essa glorificação da praxis sobre a teoria é profundamente problemática para os seus próprios defensores, na medida em que são honestos. O conceito germânico da verdade como autenticidade marca como inautentica toda essa tendência, embora seja impossível admitir, por outro lado, a inautenticidade da arte e da vida. Essa profun-

VILÉM FLUSSER

da obscuridade do pensamento germanico deve ser aceita por nós como uma herança maléfica, mas inescapável, da qual participamos. Foi neste ponto que abandonei o argumento na última aula, e será neste ponto que retomarei seu fio.

O meu propósito hoje é discutir com os senhores o conceito germanico da realidade. O termo alemão é "Wirklichkeit", que deveria, a rigor, ser traduzido por "efetividade". A palavra "Wirkung" significa "efeito", o verbo "wirken" significa "funcionar", o substantivo "Werk" significa "obra", e o verbo inglês "to work" significa "trabalhar". Todos estes significados estão subentendidos no conceito germanico da realidade. Ela não é um conjunto de coisas "res", como é para o pensamento português, mas ela é um conjunto dinâmico de processos. Para a nossa herança clássica a realidade é algo no fundo de estático, e o movimento dentro da realidade é um problema. Para os judeus Deus criou o mundo, é verdade, mas no sétimo dia estava completo o mundo. Para os gregos a natureza cresce (physis), é verdade, mas cresce de um fundo imóvel (ousia). Para os latinos o mundo é campo de ação (ager), é verdade, mas esse próprio campo é sólido e estável. Mas para os germanos a própria estrutura da realidade é fluida, é um vir a ser e um perecer ininterrupto, e o próprio tecido da realidade está em fluxo. É portanto necessário, para captar a vivência dessa realidade, contemplar os conceitos de vir-a-ser e de perecer, em alemão "werden" e "verwesen".

Para tanto cito um fragmento de um verso: "Wenn du's nicht begriffen hast, dieses Stirb und werde". (Se não compreendestes este Merra e torne-te). O verbo "werden", que é traduzido por "tornar-se", é um verbo auxiliar, com o qual a língua alemã forma o seu futuro e passivo. A realidade germanica é este "werden", é o processo passivo que tende para o futuro. A realidade é real, isto é ela é presente, porque tende passivamente para o futuro. Dentro dela, junto com ela, e escondido por ela, marcha o passado, o "Wesen". Esse termo "Wesen", tão fundamental para o pensamento alemão, é traduzido por "essência", mas ela é o participio passado do verbo "sein" (ser). Não tem portanto nada de estável, no sentido clássico deste termo, mas é um princípio dinâmico que atua dentro do processo da realidade. Quando um determinado processo se realiza, quando "wird", ele já tende, no mesmo instante, para a des-essência, para a decomposição, "Verwesung". Ao tornar-se "werden", ao ser efetivo, "wirklich", ele já está perdendo essência "Wesen". A existência é a antítese da essência num sentido dinâmico, a saber a existência supera e decompõe a essência. Quando começa essa decomposição, entretanto, forma-se uma nova essência, "ein neues Wesen", que tende por sua vez a realizar-se. Assim são o passado e o futuro os dois aspectos passivos de presente, e por sua ação dialética formam a atividade que é a realidade.

Reparem como é dramática essa visão da realidade. É uma realidade atuante, atual, ativa, que vibra com a tensão de duas passividades, da passividade do passado, e da passividade de tornar-se. É portanto uma visão eminentemente temporal da realidade. A visão clássica é espacial, é a visão de coisas ordenadas em espaço, e com relações espaciais entre elas. A visão germânica estabelece relações temporais entre os seus processos. Não obstante, não é necessariamente histórica essa realidade dos germanos. Pelo contrário, ela tende para o ciclo. E o eterno retorna de devir e de perecer que ela sugere. A grande filosofia alemã do século 19 consegue unir numa síntese magistral esta circularidade de tempo germânico com a visão histórica judaica, e assim surgem os grandes sistemas filosóficos como o hegelianismo. Mas essa síntese é precária, como demonstra Nietzsche. Nesse pensador mais germanico de todos, a visão germanica da realidade ressurgiu de forma gloriosa, depois de ter sido formulado, de maneira embriônica, por Nicholas Cusanus. É curioso observar, como essa germanicidade adquire um caráter radicalizado num pensador como Bergson, que de germano nada tem, pelo menos biologicamente, já que é francês e judeu.

Na concepção anglo-saxônica do mundo essa mesma visão adquire formas um pouco diferentes. É nela salientado o aspecto de funcionamento. A realidade é "what works", o que funciona. Já o empirismo inglês aceita a realidade como

VILÉM FLUSSER

aquilo que funciona sobre os meus sentidos, se é que não queremos incluir no mesmo capítulo já os franciscanos ingleses com a sua insistência nominalista sobre a experiência dos particulares. Em todo século 19 preparava-se na Inglaterra a formulação filosófica dessa visão, por pensadores como Mill, mas a forma radical e definitiva foi dada a essa realidade pelo pragmatismo americano, e mais ainda pelo instrumentalismo. Neste sentido são James e Dewey tão germanicos quanto é Nietzsche. Com efeito, Nietzsche é um pragmático para os americanos, como para os alemães é James um filósofo da vida. Comparem toda esta tendência com as concepções estáticas da realidade de um Descartes ou dos enciclopedistas, ou mesmo com a pseudo-dinâmica de positivismo, e sentirão a diferença de clima que tenho em mente. Hoje, como já disse, domina o espírito germânico em todo Ocidente, e o faz na forma de pensamento existencial, marxista, neo-pragmático e mesmo lógico-formalista. Talvez poderei discutir este aspecto futuramente. As ontologias estáticas estão atualmente superadas, eu em vias de superação, e a realidade germanica é a que conscientemente nos informa. Ela o faz, porque as ciências, originalmente fruto de pensamento latino, passaram a articular-se digamos germanicamente.

Tomemos primeiramente a física como exemplo. Quando nas mãos de pensadores italianos e franceses, era a física a disciplina que tratava da relação entre corpos. Hoje, informada por pensadores ingleses, americanos e alemães, é a disciplina que trata de processos. O próprio conceito de corpo perdeu significado, e espaço relativizou-se, e o tempo em forma de velocidade é o único termo absoluto da cosmologia einsteiniana. Tomemos, como segundo exemplo, a biologia. Para pensadores como Linné tratava da catalogação de espécies distintas. A partir de Darwin trata de surgir das espécies, e hoje, informada pelos pensadores germanicos, trata de processos. O próprio organismo, a soma, não passa de uma formação fluida e efêmera da célula sexual, que flui, por sua vez, de corpo em corpo. Essa célula é o "Wesen" que se realiza "wird" no organismo. E a ecologia nos mostra como o mundo biológico é um processo no qual os chamados indivíduos não passam de abstrações do espírito contemplativo, da "inteligência", para falarmos bergsonianamente. O picapau pode ser considerado como órgão de um organismo chamado "árvore", ou a árvore como órgão de um organismo chamado "picapau", dependendo isto dos nossos preconceitos. Ou ambos podem ser considerados órgãos de um organismo chamado "floresta" que é por sua vez um processo dinâmico de evaporação, portanto um presente efêmero de vir-a-ser de líquido que tende para tornar-se nuvem.

Creio que estes dois exemplos bastam para ilustrar o meu ponto. Aquilo que era chamado "corpo" na física, virou o "werden" de uma tendência que se dirige do "Wesen" para a "Verwesung", e aquilo que era corpo na biologia, virou a mesma tendência num plano ontológico diferente. Que prova melhor querem os senhores ser a ciência uma linguagem que surgia das línguas, primeiro das latinas, depois das germanicas, para criar novas realidades? E a força persuasiva da ciência contribuiu poderosamente para a vitória atual da ontologia germanica na conversação de Ocidente.

Mas essa ontologia, aliada à epistemologia da qual falei há pouco, é altamente problemática no estágio atual do desenvolvimento de Ocidente. Não nos proporciona senso nenhum de realidade. Pelo contrário, temos a impressão de estarmos sendo pestes ante mundos imaginários, ao contemplarmos as filosofias e ciências que ela nos proporciona. Não temos fé nesses mundos, embora as aceitemos intelectualmente. Como se explica essa nossa recusa existencial das ontologias filosóficas e científicas que surgem ante os nossos olhos atônitos e descrentes? Em parte, certamente, pela nossa inércia, que faz com que depositemos os restos da nossa fé nos corpos que a tradição clássica nos legou e que se evaporam tão inexoravelmente. Mas esta não é toda explicação da nossa perda de senso da realidade. Há um elemento ético nessa cosmologia que somos incapazes, cristãos que somos, de incorporar no nosso projeto de vida. Alge da barbaridade e da brutalidade germanica, das quais já lhes falei, pervade toda essa visão ontológica de mundo. Repugna-nos aceitar a realidade como processo explosivo, cujo aspecto ético a bomba H ilustra de maneira tão impressionante. O cosmos em expansão explosiva de nada para o nada, os corpos como aglomerações de nada, e

VILÉM FLUSSER

mundo biológico como uma sucessão de processos, na qual o indivíduo é uma ilusão efêmera; tudo isto não se coaduna com o nosso projeto cristão de vida, dentro do qual somos uma alma imortal e individuada. Essa cosmovisão germânica força-nos a contemplar o nada dentro do qual surgimos e para o qual nos dirigimos, de uma forma que, pelo menos até agora, não conseguimos adaptar a nossa herança clássica e ocidental *sensu stricto*. Essa angústia existencial, que marca a atualidade, já a sentiu Angelus Sielsius, e, já que a ética implícita no pensamento germânico será o tema da próxima aula, em desacordo com o programa na porta, encerrarei estas considerações com um verso seu. Esse verso, aliás, é, ele próprio, uma variação sobre o tema de tornar-se e do nada, portanto uma expressão autêntica de germanidade: "Gott ist ein lauter Nichts, Er kennt kein Nun noch Hier, je mehr du nach Ihm greifst, je mehr entwid Er dir" (Deus é um puro nada, não admite nem o agora nem o aqui, quanto mais o queres alcançar, tanto mais se destorna para ti).